

**Resenha****Informar não é comunicar**

(WOLTON, Dominique. Porto Alegre: Sulinas, 2011).

Bruno Ribeiro NASCIMENTO<sup>1</sup>

Dominique Wolton costuma nadar contra a corrente: quando os críticos da indústria cultural faziam ataques à televisão, o francês mostrou que esse veículo é o *laço social* que conecta os mais diversos públicos na modernidade. Hoje, quando os teóricos felicitam a internet e as redes sociais, enxergando essas tecnologias como aperfeiçoamento da comunicação, Wolton chama atenção para o perigo de esses novos meios fecharem as pessoas em seu mundo particular. Em seu mais recente livro, *Informar não é comunicar*, o pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS) e diretor da revista *Hermés* vai contra a maré das atitudes acríticas quando se trata do *www*.

Logo na introdução, Wolton procura evitar a separação entre “boa” informação e “má” comunicação. Para ele, a comunicação é mais complexa que a informação por três razões: primeiro, comunicar implica relacionar-se com o outro, que é sempre mais difícil; depois, há uma contradição entre a desvalorização da comunicação e a legitimação da informação, uma vez que nunca os homens passaram tanto tempo, como neste último século, tentando se comunicar; por fim, não há informação sem um projeto de comunicação. Por isso, o teórico francês afirma que o verdadeiro desafio está na comunicação, não na informação.

O pensamento que norteia todo o livro é a insistência do autor em negar que basta informar mais para que se possa comunicar. Para ele, o contrário é que acontece: a onipresença da informação torna a comunicação mais difícil, já que num mundo onde milhões de indivíduos estão conectados, administrar a diferença entre todos esses pontos de vistas torna mais difícil a relação e a tolerância. Fazer as pessoas compartilharem seus diferentes pontos de vistas não é difícil. Complicado mesmo é aprender a conduzir às diferenças linguísticas, religiosas, políticas, filosóficas e culturais. Dessa forma, Wolton afirma que, na comunicação, o mais simples está nas tecnologias e nas mensagens, enquanto o mais

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

complicado tem haver com os homens e com as sociedades. Por isso, o grande desafio da obra é “*repensar a comunicação no momento de triunfo da informação e das tecnologias que a acompanham*” (p. 13).

No capítulo I, *Uma teoria da comunicação*, Wolton diferencia comunicação e informação. O primeiro remete a ideia de negociação, compartilhamento e relação. O segundo está ligado à mensagem e aos dados. Para ele, junto com a comunicação sempre vem à questão do outro, fazendo com que o horizonte da comunicação seja a *incomunicação*. Num universo onde todo mundo vê tudo e sabe tudo, as diferenças se tornam mais visíveis e menos negociáveis. A partir desse pressuposto, o sociólogo francês traça um esquema de cinco etapas que explica sua teoria da comunicação.

Primeiro, a comunicação é inerente à condição humana, já que viver é se comunicar. Depois, os seres humanos desejam comunicar por três razões: compartilhar, convencer e seduzir – mesmo que esses três elementos não estejam explicitados. Terceiro, a comunicação esbarra na *incomunicação*, uma vez que os receptores não estão sintonizados ou discordam das mensagens que o incomodam, ao mesmo tempo em que almejam mostrar seu modo de ver o mundo. Quarto, abre-se uma fase de negociação, onde os protagonistas tentam chegar a um acordo. Por fim, há a negociação e a convivência, dois procedimentos destinados a evitar a *incomunicação* e as suas consequências. Esse esquema impossibilita reduzir a comunicação à performance técnica, ao mesmo tempo que tem o convívio de diferentes pontos de vista como horizonte. Afinal, para Wolton, o problema da convivência e do laço social são típicas de uma sociedade de movimento, de interatividade, de velocidade, de igualdade e de liberdade – características que definem nosso tempo.

No capítulo II, *Tecnologias: entre emancipação e ideologia*, o sociólogo francês começa definindo *ideologia tecnicista*: atribuição de poder normativo e excessivo às tecnologias da comunicação, transformando-as no principal fator de organização e de sentido da sociedade, como se o progresso das máquinas bastassem para criar o progresso da comunicação entre os homens. Nesse sentido, Wolton afirma que é preciso *destecnologizar* a questão da comunicação, antes de repensar a relação entre essa última e a informação. Para ele, a tecnologia permitem melhoras na comunicação social, mas não são suficientes para resolver a *incomunicação* humana.

Um dos paradoxos apontados pelo autor é a submissão voluntária dos indivíduos às tecnologias que, antes, deram-lhes liberdade. A ideologia tecnicista não suporta críticas, taxando de conservador quem levanta qualquer tipo de objeção. Wolton afirma que a internet, por mais importante que seja como instrumento em favor da liberdade, não substitui as demais tecnologias e procedimentos, nem muito menos estar livre de ambiguidades. Ainda nesse capítulo, o autor comenta sobre a necessidade de sair da ideologia tecnicista. Para isso, é preciso recolocar em perspectiva o individualismo proporcionado pelas novas tecnologias a fim de lembrar a importância do laço social para a administração da heterogeneidade, numa perspectiva de convivência e de tolerância.

O capítulo III, intitulado *Realizações e desvios da informação*, põe em evidência o valor da informação na nossa sociedade, uma vez que ela sempre foi à base do espírito crítico. Hoje, porém, como todo mundo sabe tudo e vê tudo, essa relação está mudando. Um dos pontos que Wolton chama atenção nessa parte do livro é o paradoxo gerado pela propagação de informação. Isso porque mais informação deveria criar mais diversidade, mas não o faz. Pelo contrário: “a concorrência acentua o conformismo” (p. 51).

A velocidade da informação, muitas vezes, impede o aprofundamento, tendo como consequência a simplificação, o excesso de clichês e de estereótipos. Daí, o furo torna-se o único meio de distinção em relação à concorrência. Isso faz com que haja uma corrida desenfreada para vencer os outros jornalistas, em detrimento da compreensão de acontecimentos cada vez mais complexos. Dessa forma, há cada vez mais informação, frequentemente idênticas, há cada vez mais simplificação, fortalecendo os lugares-comuns, ao mesmo tempo em que há cada vez mais intolerância e desinformação.

A fim de repensar essa relação, Wolton propõe cinco campos de reflexão sobre o novo status da informação em seu atual estágio. O primeiro é a afirmação de que velocidade e volume não são sinônimos nem de qualidade, nem de pluralismo. Segundo, a necessidade de controlar e refletir sobre o progresso das tecnologias, sendo imperativo escapar da ideologia tecnicista que as acompanha. Depois, o reconhecimento do receptor como novo protagonista. Quarto, a diversidade cultural como o horizonte que leva em consideração esse receptor. Aqui, o autor lembra que a velocidade da informação pode se tornar uma arma fatal na medida em que o entendimento do outro necessita de tempo e lentidão a fim de superar os

estereótipos múltiplos e construir um mínimo de convivência cultural. Por fim, o último desafio é o conflito entre comunicação e “traçabilidade”.

O penúltimo capítulo, *A nova fronteira da incomunicação*, Wolton começa afirmando que a questão da comunicação é o *outro*. A informação existiria por si, mas a comunicação não: essa última só tem sentido quando há o reconhecimento mútuo. Assim, a consideração do status do receptor vem perturbando tudo, já que legitima a questão da alteridade. Com a incomunicação sendo o novo horizonte, os interlocutores tem a obrigação de negociar sempre.

Wolton chama atenção para o paradoxo do grande vazio teórico nas teorias da comunicação. O mundo acadêmico internacional ainda não percebeu o interesse da revolução teórica da comunicação, nem notou a dimensão de suas implicações. Esse desinteresse não impediu que as elites utilizassem todas essas tecnologias, sem imaginar uma possível resistência do receptor. Aliás, para o sociólogo do CNRS, é essa ausência de debates teóricos sobre a informação e a comunicação que explicam parcialmente a atual hegemonia da ideologia tecnicista.

Ainda no capítulo IV, Wolton trabalha a hipótese central do livro: “comunicar é cada vez menos transmitir, raramente compartilhar, sendo cada vez mais negociar e, finalmente, conviver” (p. 62). Isso significa recusar o fechamento e reconhecer a pluralidade das identidades, fazendo com que o *entendimento* seja um projeto político a ser construído, valorizando a convivência de diferenças. Para o autor, o termo *democracia de opiniões* é aparentemente moderno, mas enganoso. Hoje, a questão central das nossas sociedades é a convivência entre pontos de vistas diferentes. Wolton também lembra que a oposição entre meios de massa e internet não se dá entre “velhos” e “novos” meios, mas entre duas visões de sociedade: a primeira que leva em conta a heterogeneidade social, enquanto a segunda está ligada a segmentação.

Por fim, o capítulo *Informação e conhecimento: a convivência indispensável* trata da frágil vitória do jornalista na garantia da liberdade de informação. Com a proliferação de mensagens, o papel do jornalista se tornou mais necessário, uma vez que ele é quem dá sentido a informação. Eles não teriam mais o monopólio da informação, mas sim o da legitimação. Wolton lembra que quanto mais notícias circulando, mas precisamos de conhecimento para explicá-las e contextualizá-las. Infelizmente, a informação marginalizou o conhecimento. A nova lógica da notícia, com sua brevidade, simplificação e velocidade,

engoliu a contextualização cultural e o saber científico. Não apenas o jornalista, mas o meio acadêmico também tem parte nesse divórcio. Para o autor, jornalistas e acadêmico são quase coirmãos, já que eles possuem pontos de vistas diferentes e complementares sobre o mundo.

Wolton ainda lembra que precisamos da convivência das diferenças para pensar e agir. Um ponto de diversidade a ser preservada para o autor são as *línguas*. Uma vez que uma língua é uma forma de ver o mundo, o reconhecimento da diversidade linguística é a fonte do reconhecimento dos demais pluralismos, sejam eles culturais, filosóficos ou religiosos. Afinal, não pensamos, criamos ou imaginamos da mesma maneira em cada língua. Depois, é preciso valorizar os ofícios intermediários, como os de jornalistas e professores. Os receptores são importantes, mas não podem ser o detentor do sentido e da legitimidade.

Na conclusão, *Comunicar: tem alguém, em algum lugar, que goste de mim?*, Wolton enfatiza que a organização da convivência pacífica entre pontos de vistas contraditórios é o grande desafio do século XXI.

O livro do sociólogo francês é de linguagem simples e didática. As ideias defendidas em *Informar não é comunicar* podem ser encontradas em outras obras do autor publicadas no Brasil<sup>2</sup>. No entanto, o novo livro de Wolton toca conjuntamente em todos os pontos abordados anteriormente, colocando em evidência o papel da informação no contexto da convivência e das novas tecnologias.

Uma das partes mais significativas do livro é o olhar crítico do autor sobre a ideologia tecnicista. O pensamento entusiasta de que com mais tecnologias haverá mais comunicação precisa ser repensado. Também chama atenção o novo papel da propagação da informação que, ao contrário do que deveria ser, não gera diversidade, mas uniformidade. O reconhecimento das alteridades, seja elas linguísticas, filosóficas, religiosas ou políticas; e a busca por mais tolerância, sobretudo quando os efeitos da incomunicação se tornam mais evidentes, são pontos a serem pensados em uma teoria da comunicação.

Além disso, o reconhecimento da importância das sociedades que estão por trás dos sistemas tecnológicos e a ênfase na necessidade de administrar a convivência entre diferentes pontos de vista tornam *Informar não é comunicar* uma obra a ser lida por todos os estudiosos

---

<sup>2</sup> *Pensar a Comunicação* (UnB), *O Futuro da Francofonia* (Sulinas), *Elogio ao grande público* (Ática) e *Internet, e depois?* (Sulinas) e *É preciso salvar a comunicação* (Paulus).

interessados em teorias da comunicação e em teorias da sociedade. A tradução de Juremir Machado da Silva é significativa, já que ele é tradutor de várias obras de ciências humanas, além de estar familiarizado com as obras de Wolton.